

O início era sempre assim: o sopro e a vida

Roberta Guimarães Franco

O mais novo escritor da *União dos Escritores Angolanos*, Ondjaki, nome literário de Ndalú de Almeida, publica em 2002 a novela “O Assobiador”, na qual narra a chegada de um forasteiro a uma pacata aldeia. Em carta a escritora angolana Ana Paula Tavares, publicada juntamente com a novela, Ondjaki diz que sua obra é:

um livro com um mar secreto no coração de uma personagem-lágrima, um comboio de doçura num caixeiro convidado, e tantos mistérios que compõem a solidão na voz densa de um homem que assobia... / imagina que esse livro, arejado, era uma visão que me tinha apetecido: com burros, com velhos ternurentos, um padre, um lago, um louco... (ONDJAKI, 2002, p. 113).

Partindo do que o próprio autor diz sobre seu livro e principalmente das personagens que o habitam, traçarei uma análise sobre essas, apoiada na importância dos espaços que compõem a narrativa.

O desconhecido homem que chega a aldeia e que foi definido pelo autor como um homem que assobia e carrega mistério e solidão na voz, habita durante toda a narrativa a igreja da aldeia, a convite do padre, impressionado pelo som produzido por ele. Então, através dos olhos desse forasteiro, com a visão de um especialista em assobio, conhecemos a igreja.

Entrou na igreja com um passo miúdo, sem fazer barulho. Era de manhãzinha e já tinha acontecido a primeira missa. Respirou o ar que lá estava, sentiu uma delicada religiosidade penetrar-lhe os

pulmões e o coração. A beleza da arquitetura, a luz filtrada pelos vitrais, a manhã e o momento, a ausência do Padre, fizeram-no começar o assobio. Descobriu, ao fim da primeira música, que se tratava de um dos melhores sítios do mundo para assobiar melodias. (ONDJAKI, 2002, p. 17-8)

Com o caminhar da narrativa percebemos que a igreja não possui um papel espiritual bem definido naquela aldeia, sempre aparece vazia, representada apenas pela figura de um Padre. A igreja é um outro sem lugar, permanece ali simplesmente como um espaço físico, uma arquitetura deslocada no espaço. Porém, com a chegada do forasteiro, que logo será chamado por todos o ‘Assobiador’, a igreja recupera, de certo modo, sua função espiritual, mas tem sua identidade modificada, pois essa recuperação não envolve os dogmas católicos.

Essa renovação espiritual está relacionada somente com o assobio do forasteiro, pois esse som não era um simples sopro: toda vez que o estrangeiro assobiava dentro da igreja, conduzia todos os habitantes da aldeia, fossem eles animais ou pessoas, a um transe que os deixava paralisados, resultando num tipo de fluxo de consciência capaz de fazê-los recuperarem memórias distantes e reviverem momentos importantes de suas vidas.

A infinitude do alcance daquele assobio resultava, certamente, de um também enorme conhecimento metafísico da arte de assobiar, que mexesse não só com o ouvido das pessoas, mas alcançasse, de modo incisivo, a profundidade das suas almas, o recôndito canto onde cada um escondia as suas coisas – essa assustadora gruta a que muitos chamam âmago do ser” (ONDJAKI, 2002, p. 44)

A duas ou três milhas dali, precisamente no lago, o mistério continua, agora com outra personagem, a personagem-lágrima segundo Ondjaki. Aquela que carrega um mar secreto no coração é Dissoxi, uma mulher tão forasteira e cheia segredos quanto o Assobiador. “*Dissoxi era moça vinda não se sabe de onde*” (ONDJAKI, 2002, p. 25). È dessa maneira que o narrador começa a nos apresentar essa mulher que sofre por estar longe de sua casa natal, lembrando Bachelard, e principalmente, por estar longe do mar. Por isso, sempre encontramos Dissoxi nas proximidades do lago, onde tenta aliviar sua tristeza.

Desde sua apresentação, na terceira parte do primeiro capítulo, Dissoxi aparece envolta em mistério, uma mulher que ‘*guardava quantidades excessivas de sal em sua casa e sempre que alguém precisasse ela ofertava, de bom gosto, a substância salina*’ (ONDJAKI, 2002, p. 25). Porém, nunca nos é informado de onde Dissoxi retira tanto sal, mas o narrador já adverte desde início que Dissoxi é “*Um mistério em forma de mulher*” (p.25).

Além do misterioso aparecimento do sal, Dissoxi é dada a pressentimentos fortes: “*Descendo as escadas, franziu ligeiramente a testa no intuito de apagar da consciência a nítida premonição de que algo estava para acontecer sob a forma da magia*” (ONDJAKI, 2002, p. 27). Quem legitima de fato essa condição mística de Dissoxi é KaLua, o louco do qual Ondjaki falou em sua carta. KaLua é descrito como um homem de “desequilibrada memória”, na verdade uma memória dolorosa, já que perdera sua família em um incêndio.

KaLua reconhece em Dissoxi algo que transcende o humano, e para nós, leitores, isso fica ainda mais claro quando KaLua corre até Dissoxi para contá-la sobre o transe que deixou quase toda a aldeia paralisada, inclusive o Padre.

Quando Kalua quase caiu sobre ela derrubado pelo peso constante da sua curiosidade, ela virou o seu olhar quase morto para o olhar terno dele. Com palavras muito semelhantes ao assobio do homem lá da igreja, Dissoxi murmurou apenas: “Escrevo para Deus; peça-Lhe paz...”. (ONDJAKI, 2002, p. 52)

Pelo exposto podemos ver Dissoxi como uma *Kianda*, divindade que habita as águas e mito popular de Luanda. Por habitar o mar, Dissoxi sofre com a ausência do mesmo, e recorre ao lago para matar as saudades ou necessidades. Assim, o espaço que realmente contém algum tipo de espiritualidade é o lago, tendo como Dissoxi sua “guia espiritual”.

Na segunda parte do segundo capítulo temos a mesma movimentação do início da narrativa, a chegada de mais uma personagem na aldeia. Desta vez quem chega é KeMunuMunu, um caixeiro-viajante, que apesar de não habitar a aldeia já a conhece, é conhecido por todos e amigo do Padre. KeMunuMunu é mais uma representação de forasteiro, mais um de fora que é ‘atraído’ (ou convidado, como disse o próprio autor) para a aldeia, mas um que carrega seus mistérios. “*Era um homem treinado nos campos empíricos da vida...*”, “*Uma Jóia de pessoa!*”, segundo o Padre. (ONDJAKI, 2002, p. 39-40).

Logo após sua chegada, ocorre uma sessão de assobio que deixa em transe quase toda aldeia. Somente Dissoxi não é citada durante esse transe. O assobio remexia nas mais variadas condições humanas, recuperando em alguns a capacidade de se emocionar, em outros a de lembrar as passagens de suas vidas. Alguns chegavam a reviver momentos eróticos, como a noite de núpcias.

O primeiro a sair do transe e a conseguir, a muito custo, mexer-se foi KeMunuMunu. Moveu lentamente as mãos, abriu a sua mala de couro antiga, retirou dela sete frasquinhos impecavelmente limpos. Ainda a custo, pôs-se a andar em direção à igreja, subiu as escadinhas e, quando ia pousar os fracos na entrada desta, o assobio cessou.” (ONDJAKI, 2002, p.46)

A partir desse momento começamos a perceber certas ligações entre essas três personagens misteriosas de que falei até aqui. Como já disse o Assobiador, Dissoxi e KeMunuMunu são forasteiros, cada um a sua maneira. O Assobiador chega a aldeia pela primeira vez, Dissoxi vive nela e KeMunuMunu já a conhece a algum tempo. Mas não é somente nessa característica que essas três personagens se assemelham, todas tem um lado mágico, um dom.

O Assobiador e o som paradisíaco que produz proporciona aos moradores da aldeia um retorno ao passado. No entanto, essa volta não é, de forma alguma, nostálgica, mas necessária para que cada um recupere sua própria história. Nesse sentido vale lembrar Homi Bhabha: “*O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver*” (BHABHA, 2002, p. 36).

Já no fim da novela ocorre a libertação por completa da aldeia. No domingo em que o Padre decidiu realizar uma missa especial, toda assobiada pelo forasteiro, ocorre uma ‘balbúrdia sexual’, e dessa forma os habitantes da aldeia passam do marasmo a uma renovação e expansão da vida através do sexo.

O único que não se rendeu à magia do domingo foi KeMunuMunu, pois ele tinha um objetivo a alcançar durante aquela “missa”. KeMunuMunu tinha conhecimentos de alquimia e desde de quando sofreu o transe, pensava em tirar benefícios daquele assobio. Então, o caixeiro-viajante espalhou os sete frasquinhos aqui já citados para recolher dentro deles o som que foi responsável por aquele momento mágico e depois vendê-los quando deixasse a aldeia.

Junto do portão lateral da igreja, KeMunuMunu, o Caixeiro-Viajante esperava a chegada do Padre. Guardara os sete frasquinhos no fundo falso da sua mala e pensava fazer rios de dinheiro com ele, numa idéia duplamente simples: iria vender os frascos separadamente, cada um deles como sendo o protótipo da música alada e divinal assobiada por um santo na terra. (ONDJAKI, 2002, p. 87).

Dissoxi também teve uma missão libertadora, que cumpriu antes de partir de volta para casa. No capítulo “Noite de sexta-feira (ou noite de sonhos)” descobrimos através do sonho do Assobiador que sua grande tristeza era não se reconhecer no espelho. É justamente nesse ponto que Dissoxi entra. Como já disse essa mulher vivia num lago, o que é conhecido por todos como um espelho natural. Pronto. No fim da novela,

antes de partir da aldeia com sua missão cumprida, o Assobiador vai até o lago.

As águas do lago haviam-se transformado num perigoso mar de lâminas encarnadas, naquela que era uma experiência enteneceadora para quem a tivesse vivido: o sol, ao embater nas catorze mil ondinhas refeitas pelo vento, desmultiplicava o seu brilho, dando a cada escarpa aquática uma aura própria e pontiaguda, ofuscante e brilhantosa, lisa e laminar. (ONDJAKI, 2002, p.109).

Para concluir percebemos que existem algumas diferenças entre essas três personagens. Levando em consideração as relações sociais que essas personagens estabelecem dentro da narrativa percebemos que a única que visa tirar lucro da sua magia é KeMunu-Munu, também o único sujeito híbrido, com um trabalho que não pertence a tradição cultural local e que aprendeu uma ciência, a alquimia, que também foge das tradições locais. Dissoxi e o Assobiador, apesar de forasteiros, se doam para a aldeia sem cobrar nada em troca. Dissoxi fornecia sal a quem precisasse e o Assobiador dava a chance de um novo início: o sopro e a vida.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ONDJAKI. O Assobiador. 2. ed. Lisboa: Caminha, 2002.

PADILHA, Laura Cavalcante. Novos pactos, outras ficções. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.